

# Toda a "família" vai aos EUA para assinatura do "jumbo"

O ministro da Fazenda, Ernane Galvães, afirmou, ontem, que viajará no próximo domingo para New York, para assinar, no dia 18, o empréstimo-jumbo de 6,5 bilhões de dólares dos bancos estrangeiros ao Brasil. "Delfim, Galvães, Pastore, Serrano, a família toda vai se transladar para os Estados Unidos, com vistas ao grande acontecimento", ironizou o Ministro.

Segundo ele, o ministro Delfim Netto viaja hoje mesmo para ir adiantando as coisas por lá". Os 6,5 bilhões de dólares estão praticamente assegurados e cada dia falta um pouco menos para se atingir o montante global. "Vamos chegar lá, porque o Brasil não quer ficar aquém do programado".

Galvães afirmou que durante sua estada nos Estados Unidos, vai também a Washington para contatos com o Banco Mundial, o BID, o FMI, o Departamento do Tesouro Norte-Americano e o Departamento de Comércio. "Estas são visitas de trabalho e acompanhamento dos processos que temos em andamento com estas instituições. Este já se transformou num comportamento-padrão, sempre que viajo para os Estados Unidos".

Segundo o ministro, os demais projetos do Brasil estão indo bem, com as linhas interbancárias em 6 bilhões de dólares e com créditos comerciais no valor de 8 bilhões. "Isto não representa qualquer problema", afirmou com segurança.

Durante o jantar na Embaixada americana na segunda-feira, Galvães teve oportunidade de se encontrar com o Subsecretário do Tesouro norte-americano, Beril Sprinkel que está em visita ao Brasil. Entre os temas de conversa, revelou Galvães, falamos sobre o comportamento do dólar nos mercados europeus. "Não dá, ainda, para se fazer uma previsão, o dólar sobe um dia, cai no outro, vem manifestando um comportamento errático".

## Guerreiro: precisamos nos unir na crise

O chanceler brasileiro Ramiro Saraiva Guerreiro disse ontem que a Conferência Econômica Latino-Americana que está sendo realizada em Quito "é uma boa oportunidade para expressar pontos de coesão da América Latina".

"Devemos unificar critérios em relação à crise econômica e a necessidade para o desenvolvimento acima das circunstâncias negativas nas quais se desenvolve a região", ressaltou o ministro.

Saraiva Guerreiro falou brevemente com jornalistas no aeroporto internacional de Lima durante uma escala de sua viagem de Brasília

Galvães disse que é muito cedo para se pensar na fase 3 das negociações da dívida externa do Brasil. "Precisamos de um tempo para respirar ou pelo menos para brincar o carnaval em paz", disse, com ironia. Estamos concentrando todos os nossos esforços em fechar este jumbo de 6,5 bilhões para receber as primeiras parcelas e liquidar os atrasados comerciais e juros vencidos".

Na verdade, segundo fontes financeiras com acesso a informações de bancos norte-americanos, o que está empestando mesmo o fechamento do pacote não é a falta dos US\$ 100 milhões. Esse montante é fácil de ser conseguido através de dois telefonemas de um empresário de nome, como Antonio Ermírio de Moraes. O problema mesmo são os outros projetos do pacote de refinanciamento da dívida, especificamente o projeto de financiamento comercial. Até agora só o governo norte-americano garantiu formalmente linhas de crédito comercial, no valor de US\$ 1,5 bilhão. Os outros países, entre os quais a Inglaterra, continuam reticentes.

Na opinião do ministro da Fazenda, porém, os outros projetos estão indo bem. "Nem se cogita em deficiência quanto a esses projetos", reiterou Galvães, assinalando que os bancos estão garantindo, durante um ano, linhas de crédito interbancário no montante de US\$ 6,5 bilhões e linhas comerciais de curto prazo no montante de US\$ 8 bilhões. "Está tudo certo, conforme o ministro e sua assessoria".

O ministro da fazenda reiterou que o governo brasileiro não pediu ajuda ao governo norte-americano para fechar o pacote financeiro e garantiu que o jantar, anteontem, na Embaixada Americana, com o subsecretário do Tesouro dos EUA, Byrol Sprinkel, foi puramente social.

à capital do Equador, onde foi representar o Brasil na Conferência.

Disse mais, que alguns países pedem a renegociação da dívida global da região e outros a negociação bilateral, posições que "embora diferentes, não são contradi托rias: ambas requerem uma cooperação básica".

Em todo o caso, afirmou, vamos procurar chegar a um consenso no tocante ao pagamento da dívida externa "de maneira que não diminua o desenvolvimento de nossos países. Esta conferência — disse — é parte do caminho que temos que percorrer para solucionar nossos problemas".